

POR UMA CENOGRAFIA DA ENUNCIÇÃO: A LITERATURA COMO PRODUÇÃO DE CONTEXTO

Público Alvo: Alunos de graduação, pós-graduação e interessados em geral.

Objetivo: Discutir novas possibilidades de interpretação do texto literário a partir da noção de cenografia da enunciação, que daria importância a elementos ainda não suficientemente considerados pela crítica, como o corpo, o livro e a voz, por exemplo. Com isto, o curso também pretende sugerir novas formas de abordar o “contexto”, o “político” e a “historicidade”.

Programa e bibliografia: <http://sce.fflch.usp.br/node/1369>

Carga horária: 15.00h

Vagas: • 40 inscritos

Coordenação: Prof. Dr. Roberto Zular, da FFLCH/USP.

Ministrante(s): Eduardo Francisco Junior, Fabio Roberto Lucas, Livia Cristina Gomes, Lucius Provase.

Período de Realização: 19.08 a 23.09.2013.

Horário: Segunda-feira, das 14:00 às 17:00.

Local: Prédio de Letras - Av. Prof. Luciano Gualberto, 403 - Cid. Universitária - SP.

Valor: Gratuito.

Período de Matrícula (enquanto houver vaga): 09 a 15.08.2013.

Detalhes: ► Matrícula pelo sistema Apolo ► Atendimento Presencial:

Local: Serviço de Cultura e Extensão Universitária – sala 126. Prédio da Administração da FFLCH. Rua do Lago, 717, Cidade Universitária, São Paulo, SP.

Horário: 9:00 às 12:00 e das 13:00 às 16:30.

POR UMA CENOGRAFIA DA ENUNCIÇÃO: A LITERATURA COMO PRODUÇÃO DE CONTEXTO

PROGRAMA

Aula 1 - 19/08/2013

Nesta primeira aula será feita uma introdução sobre a perspectiva crítica que vê na enunciação um princípio organizador produtivo para o texto literário.

Aula 2 - 26/08/2013

Enunciação e temporalidade: a historicidade distorcida

A relação entre a historicidade de uma obra e a própria obra são, usualmente, confundidas com as relações entre o contexto histórico de produção da obra, quase sempre utilizado como O contexto, e a obra em si. Discutirei, a partir de excertos de Galáxias, de Haroldo de Campos, como, por meio de um intrincado jogo de cenografias da enunciação e de deslocamentos dessas cenografias, é possível perceber um fluxo contínuo de temporalidades. Este, por sua vez, acaba por criar uma diversidade de contextos e, como consequência, faz a obra reposicionar-se constantemente frente à História, gerando uma historicidade distorcida.

Aula 3 - 09/09/2013

O livro como enunciação

Embora as pessoas envolvidas com a crítica literária lidemos quase que constantemente com livros, não costumamos gastar muito tempo refletindo sobre esse espaço. Tendo isso em mente, esta aula propõe-se a discutir como a edição cria e impõe contextos ao texto literário e como este se relaciona com aqueles. Para tanto, será analisado o “Poema-orelha” (1959) de Carlos Drummond de Andrade, levando-se em conta tanto a reflexão de Gérard Genette sobre a edição e a orelha dos livros, quanto a leitura que a profa. Márcia Cabral da Silva faz de um catálogo da editora que publicou originalmente esse poema.

Aula 4 - 16/09/2013

O político e a enunciação

Orientados pela reflexão poética de Paul Valéry, observaremos como enunciar os textos do poeta francês revelaria afinidades entre o poético e o político acionadas pelas torções performativas instauradas na margem entre aquilo que o enunciado diz e aquilo que a enunciação faz, ou seja, no limiar do pêndulo poético valeriano e da oscilação “entre a Voz e o Pensamento, entre o Pensamento e a Voz, entre a Presença e a Ausência” (VALÉRY, 2007, p. 206). Consequentemente, a hesitação prolongada da enunciação poética estaria carregada de forças que suspendem e diferenciam hábitos linguísticos e sociais fiduciariamente vigentes, implicando uma política (talvez uma ética) de partilha das possibilidades de criar novas formas de pensar e agir.

Aula 5 - 23/09/2013

Enunciação e mundo: os corpos

Lendo as desventuras de Justine, personagem inventada pelo marquês de Sade, e cuja história é reescrita em três diferentes versões – *Les infortunes de la vertu* (1787); *Justine ou les malheurs de la vertu* (1791) e *La nouvelle Justine ou les malheurs de la vertu* (1797) – propõe-se discutir o funcionamento da cenografia literária, a partir de sua engrenagem com o(s) corpo(s) no momento de leitura, notadamente no que concerne à dinâmica entre lei e gozo. Têm-se como base teórica as noções de agenciamento coletivo da enunciação e agenciamento maquínico dos corpos, desenvolvidas por Deleuze e Guattari (1980). Entendendo-se “corpo”, portanto, por uma espécie de vetor que articula “texto” e “mundo” e desloca a contraposição ontológica entre matéria puramente fisiológica e exercício mental da leitura, ao mesmo tempo em que sugere outra noção de historicidade, espera-se (re)pensar a enunciação literária, desnaturalizando o ato de leitura.

BIBLIOGRAFIA:

- ANDRADE, C. D. “Poema-orelha” In: *A vida passada a limpo*. Rio de Janeiro: Record, 2002. (também disponível em Andrade, C. D. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 1998.)
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas: Pontes, 2006.
- CAMPOS, Haroldo. *Galáxias*. São Paulo, Ed. 34, 2011.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. “20 novembre 1923 – Postulats de la linguistique” In : *Mille plateaux*. Paris: Minuit, 1980, pp. 95-139.
- _____. “20 de novembro de 1923 – Postulados da linguística” In: *Mil platôs v. 2*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: 34, 1995, pp. 11-49.
- GENETTE, G. “Introdução”, “Peritexto Editorial” e “O Press-release”. In: *Paratextos editoriais*. Cotia: Ateliê editorial, 2009, pp. 9-37 e 97-107.
- SADE, D. A. F. *Œuvres vol. 2*. Paris : Gallimard, 1995. (Pléiade). [Será providenciada a tradução dos trechos trabalhados em aula]
- VALÉRY, P. “O Solitário ou as Maldições do Universo” In: *Meu Fausto* (trad. de Lídia Fachin e Sílvia M. Azevedo). Cotia: Ateliê Editorial, 2011, p. 147-172.
- VALÉRY, P. “Poesia e Pensamento Abstrato” e “Primeira aula do Curso de Poética” In: *Variedades*. São Paulo: Iluminuras, 2007, p. 179-210.